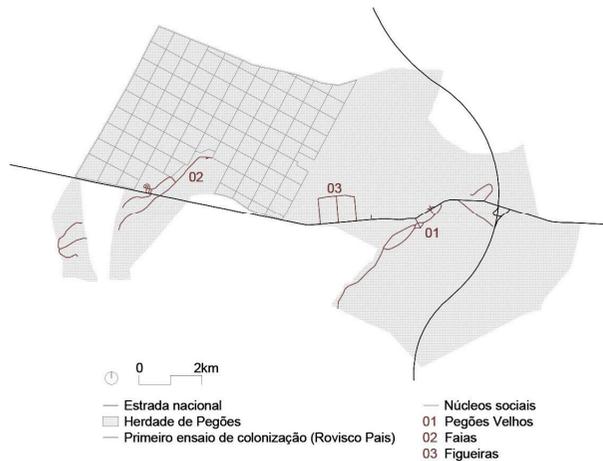


## Edifícios modernistas na Colónia Agrícola de Pegões



1. Colónia de Pegões. Fonte: elaborado pelo autor a partir de JCI, 1942



2. Igreja de Santo Isidro (esquerda), Escola (inferior direito), Habitação (superior direito), arquitecto Eugénio Correia. Fonte: Co. Estúdio Mário Novais IFCG - Biblioteca de Arte e Arquivos

1. RIBEIRO, Orlando, Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, Estudo Geográfico, Coimbra Editora, Coimbra, 1945, pág. 58.

2. CALDAS, José, O povoamento do sul. In JCI - Problemas de Colonização, I - A zona pliocénica ao sul do Tejo, Junta de Colonização Interna, Lisboa, 1943, págs. 7-17.

3. CARDOSO, Alexandra, MAIA, Maria, TREVISAN, Alexandra, "Questões da Habitação moderna no quadro da colonização interna na península ibérica", in AA.VV. El fundamento social de la arquitectura, de lo vernáculo y lo Moderno, una síntesis cargada de oportunidades [Actas del X CONGRESO DOCOMOMO IBERICO, celebrado en Badajoz del 18 al 20 de abril de 2018], Fundación DOCOMOMO Ibérico/Secretaría General Técnica, Subdirección General de Atención al Ciudadano, Documentación y Publicaciones, Madrid, 2020.

4. GUERREIRO, Filipa, "De agronomicamente "bem concebidos" a objectos de representação do Estado. Assentamentos e arquitectura das Colónias Agrícolas Portuguesas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960", in FERREIRA, Fátima, MENDES, Francisco, PEREIRA, Natália, A Conquista social do território. Arquitectura e corporativismo no Estado Novo português, Edições Tenacitas, Coimbra, 2016, pág. 151.

5. MESTRE, Victor, Faias e Pegões, De Terra de Açoções de Bandidos, Guerrilheiros e Assaltantes à colonização dos anos 40 deste século, [Em linha], Câmara Municipal do Montijo, 1999, págs. 6-7. [Consult. 17 Jan. 2021]. Disponível em WWW-URL: [http://www.msa-architectos.com/Public\\_Faias-pegoes\\_1999.pdf](http://www.msa-architectos.com/Public_Faias-pegoes_1999.pdf)

### Colonização Interna em Portugal

O território português assenta numa geografia de "forte base mediterrânea"<sup>1</sup> que fica evidente no relevo, clima, vegetação, modos de vida e formas de povoamento. Até ao século XX, na maioria das civilizações mediterrâneas e também em Portugal, a agricultura constituía o modo de vida de diversas comunidades que habitavam em meio rural, reflectindo-se na própria paisagem que evidenciava formas de exploração, assentamentos e arquitectura intimamente ligada a esse modo de vida (idem). Contudo, em Portugal e entre o século XIX e XX, observou-se um acréscimo populacional que, associado ao baixo nível de vida dos trabalhadores rurais, levou o Estado a criar um organismo governamental em 1936, denominado de Junta de Colonização Interna (JCI). Com o intuito de melhorar a produtividade da terra, promover uma exploração racional e melhorar as condições de vida da população rural, este organismo coordenou a colonização do território nacional através da instalação de casais agrícolas, isto é, habitações e parcelas de terreno para serem exploradas pelos colonos e suas famílias, e transformação do meio físico com o intuito de viabilizar a exploração agrícola por parte de famílias rurais<sup>2</sup>.

Enquadrada em critérios ideológicos do Estado Novo (1933-1974), a arquitectura desempenhou um papel importante na transformação da paisagem rural procurando afirmar uma pretença identidade portuguesa, assente numa base tradicionalista, católica e rural. Na generalidade, as habitações das colónias são facilmente associadas ao movimento da *Casa Portuguesa* de Raúl Lino, pela sua expressão tradicional e conservadora. Todavia, verifica-se uma procura de proporcionar melhores condições de conforto e higiene ao colono e sua família ao dispor de quarto próprio para o casal, quartos para os filhos, e instalações sanitárias<sup>3</sup>. Em relação aos equipamentos públicos, estes revelam outro sentido de representação "expresso já não pelos valores da ruralidade, mas pela presença institucional do Estado que agora se quer expor como agente de modernização"<sup>4</sup>. Consideremos algumas particularidades da iniciativa de colonização de Pegões, a única situada a Sul do rio Tejo e a única que ocupou terrenos do Estado.

### Colónia Agrícola de Pegões

A Colónia Agrícola de Pegões foi construída na década de 1950, no concelho do Montijo, materializando-se em três núcleos populacionais: Faias, Figueiras e Pegões Velhos, a sede da Colónia de Pegões. Cada núcleo foi dotado de casais agrícolas bem como diversos edifícios de uso colectivo que formaram centros cívicos constituídos por escolas, igrejas, postos médicos e sociais, centros de assistência técnica, cooperativas e residências para técnicos da JCI. (1)

Para a habitação dos casais foram desenvolvidos três projectos-tipo, cada um associado a um núcleo, totalizando 207 habitações rurais. Conforme refere Victor Mestre<sup>5</sup>, enquanto estas habitações apresentam uma linguagem conservadora e ruralista, nos equipamentos públicos procurou-se "arriscar uma linguagem moderna, descomprometida de uma gramática oficial". A sua localização assumiu um certo protagonismo como centros de reunião da população, concentrando comércio, lazer, educação, culto e assistência técnica e médica. Em cada um dos núcleos, a localização destes equipamentos resulta de um traçado urbano definido por um eixo ortogonal à EN4 a partir do qual foram organizados os vários edifícios com proximidade ao eixo de circulação principal. Contudo, a Colónia de Pegões é frequentemente conhecida por um conjunto de equipamentos, implantados no núcleo de Pegões Velhos, cuja arquitectura contrasta com a dos casais devido à sua forma e método construtivo. (2)

## Edifícios Modernistas

No âmbito da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e da Direcção-Geral das Construções Escolares, a JCI encomendou a Eugénio Correia (1897-1985) o projecto de seis edifícios: uma igreja dedicada ao Santo Isidro, duas escolas separadas por géneros (rapazes e raparigas), e três habitações, respectivamente destinadas ao pároco e professoras<sup>6</sup>.

A forma parabolóide utilizada no projecto destes edifícios permite a sua associação a diversas obras do Movimento Moderno como o Hangar de Orly, de Freyssenet (1879-1962) e a igreja de S. Francisco de Assis, em Belo Horizonte<sup>7</sup>. No entanto os edifícios projectados pelo arquitecto português também revelam uma reinterpretação de edifícios abobadados vernáculos frequentes no território mediterrâneo. A sua forma pode ainda ser associada ao Palácio de Cosroes em Ctesifon, no longínquo Irão, embora aí numa outra escala e mais de catorze séculos de existência<sup>8</sup>, ou a diversas obras do arquitecto Hassan Fathy (1900-1989), onde utilizou elementos cerâmicos para construção de abóbadas no Norte de África.

Em Itália, o registo fotográfico desenvolvido por Giuseppe Pagano e Guarniero Daniel, publicado na obra *Architettura Rurale Italiana*<sup>9</sup> no âmbito da VI Trienal de Arquitectura de Milão (1936) também constatou a existência de diversas construções abobadadas neste país como habitações rurais, fornos e outros edifícios de apoio ao trabalho rural, referindo-se-lhe como sendo uma arquitectura popular caracterizada por ser "moralmente e também formalmente perto do gosto contemporâneo"<sup>10</sup>. (3) y (4)

Em Portugal, no contexto do *Inquérito à Arquitectura Popular* (entre 1955 e 1960) também foi possível observar diversos edifícios abobadados que ficaram registados na obra *Arquitectura Popular em Portugal*<sup>11</sup>.

Do ponto de vista arquitectónico, os equipamentos projectados pelo arquitecto Eugénio Correia apresentam uma linguagem que difere do restante conjunto edificado da Colónia, sendo que as paredes e cobertura refletem um carácter moderno, por um lado na forma como a superfície contínua contrasta com as formas tradicionais, e por outro na medida em que reinterpreta as formas tradicionais dos edifícios abobadados da arquitectura vernácula. Complementarmente, a zona onde estão implantados estes edifícios evidencia um maior cuidado com o enquadramento paisagístico através de um pinhal denso que destaca a igreja de Santo Isidro enquanto protagonista deste conjunto arquitectónico.

A sua originalidade é acrescida pelo método construtivo adoptado<sup>12</sup> o qual consiste num sistema construtivo, registado pelo arquitecto Eugénio Correia, denominado de "parabolóides". Este sistema, baseado "nas velhas construções dos fornos de cal e doutros edifícios abobadados"<sup>13</sup>, consiste na utilização de elementos cerâmicos leves na construção das abóbadas, caracterizado por ser um tipo de construção com vantagens a nível económico e pela rapidez de execução, vulgar sobretudo no Norte de África e no sul de Portugal, mais concretamente no Alentejo<sup>14</sup>. (5)



3. Habitação rural em Barletta, Itália  
Fonte: Pagano e Daniel, 1936, p. 105



4. Forno junto a uma Habitação rural em Fernão Ferro,  
Portugal. Fonte: Távora et al., 1961, p.107

6. PEREIRA, Nuno Teotónio, et. al., Santo Isidro de Pegões, Contrastes de um Património a Preservar, Edições Colibri, Lisboa, 2009.

7. Ibid.

8. LOPES, A., "Vida Católica, a Igreja de Santo Isidro [será hoje aberta ao culto numa cerimónia a que presidirá o sr. subsecretário da Agricultura]", in O Século 12, 1957.

9. PAGANO, Giuseppe, DANIEL, Guarniero, *Architettura Rurale Italiana*, Hoepli, Milão, 1936.

10. Ibid., Pág. 6.

11. PEREIRA, Nuno Teotónio, et. al., *Arquitectura Popular em Portugal*, Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa, 1961.

12. PEREIRA, Nuno Teotónio, et. al., Santo Isidro de Pegões, Contrastes de um Património a Preservar, op. cit.

13. CASTRO, Celestino, et al., *Parabolóides*, "Arquitecto Eugénio Correia", in *Arquitectura* 40, 1951, pág. 21.

14. Ibid.

15. PEREIRA, Nuno Teotónio, et. al., *Arquitectura Popular em Portugal*, op. cit., pág. 46.

16. Ibid.

17. Ibid., pág. 48.

18. Ibid., pág. 114.

19. PEREIRA, Nuno Teotónio, et. al., Santo Isidro de Pegões, Contrastes de um Património a Preservar, op. cit., pág. 38.

20. NUNES, Daniel, *Identidade do Lugar, o caso da Colónia Agrícola de Pegões*, Universidade de Évora, Escola de Artes, Évora, 2019. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

21. Ibid.

O sistema construtivo utilizado resulta de uma tecnologia inovadora, à base de fusos cerâmicos: "O fuso cerâmico apresenta-se com a forma duma garrafa sem fundo, de argila ordinária, com as paredes exteriores nervuradas longitudinalmente para aumentar a resistência e a aderência; a parte mais estreita formando o gargalo é esculpida em côncavo relevo, assim com a parede cilíndrica interna, de modo a aumentar a aderência da argamassa ao encaixe dos fusos uns nos outros"<sup>15</sup>.

O encaixe destes fusos de 30 cm de comprimento e 8 cm de diâmetro, confere às construções "uma grande adaptabilidade para suportar deformações lentas ou bruscas"<sup>16</sup>, redução do peso da estrutura do edifício e melhor isolamento térmico. A sua colocação é considerada "extremamente fácil e não necessita pessoal especializado"<sup>17</sup>. Sobre o revestimento exterior da igreja e das habitações parabolóides, foi utilizada uma tijoleira cerâmica que estabelece "uma alusão moderna aos telhados"<sup>18</sup>. Sobre as características formais e construtivas deste conjunto, o arquitecto Nuno Teotónio Pereira (2009) afirma que estes edifícios "constituíram um grito de radical modernidade que fazem delas um caso singular no panorama da arquitectura em Portugal"<sup>19</sup>. (6)



5. Fusos cerâmicos: fotografias do arquitecto Nuno Teotónio Pereira, fins da década de 1940. Fonte: Fotografias cedidas pelo arquitecto Victor Mestre  
6. Igreja de Santo Isidro (esquerda), Escola (inferior direito), Habitação (superior direito), arquitecto Eugénio Correia. Fonte: Nunes, 2019

## Edifícios Modernistas, hoje

A análise arquitectónica e urbanística, através da verificação *in situ* das alterações empreendidas pelos residentes no território, permitiu constatar que apenas uma das três habitações, se encontra abandonada. As restantes, foram alvo de intervenções que não descaracterizaram este património, estando actualmente ocupadas por residentes de Pegões Velhos. Em relação às escolas e igreja também revelam uma ocupação em continuidade, já tendo sido realizadas algumas intervenções descaracterizadoras como a substituição de materiais cerâmicos de revestimento das fachadas por preenchimento com reboco, também existindo fissuras e outras anomalias<sup>20</sup>.

A análise social dos residentes actuais, através de entrevistas gravadas com o consentimento informado dos participantes, revela que a Festa de Santo Isidro constituiu um momento festivo importante para a população na Colónia. Esta festa constituiu uma das rotinas religiosas e lúdicas preservada até à actualidade, sendo que existem residentes que para além de frequentarem a igreja, contribuem com o seu trabalho voluntário para a manutenção das instalações e preservação desse conjunto arquitectónico, reconhecido como legado cultural pela população residente<sup>21</sup>.

Considerando que os edifícios modernistas projectados pelo arquitecto Eugénio Correia, preservam a sua identidade e uso, e enquanto património constituído por valores materiais e imateriais que testemunham uma iniciativa de modernização deste território rural em meados do século XX, em Portugal, deverá ser salvaguardado este conjunto arquitectónico.

## Bibliografia

CALDAS, José, O povoamento do sul. In JCI - Problemas de Colonização, I. - A zona pliocénica ao sul do Tejo, Junta de Colonização Interna, Lisboa, 1943, págs. 7-17.

CARDOSO, Alexandra, MAIA, Maria, TREVISAN, Alexandra, "Questões da Habitação moderna no quadro da colonização interna na península Ibérica", in AA VV, El fundamento social de la arquitectura; de lo vernáculo y lo Moderno, una síntesis cargada de oportunidades [Actas del X CONGRESO DOCCOMOMO IBÉRICO, celebrado en Badajoz del 18 al 20 de abril de 2018], Fundación DOCCOMOMO Ibérico/Secretaría General Técnica, Subdirección General de Atención al Ciudadano, Documentación y Publicaciones, Madrid, 2020.

CASTRO, Celestino, et al., Paraboloides, "Arquitecto Eugénio Correia", in Arquitectura 40, 1951, págs. 19-21.

GUERREIRO, Filipa, "De agronomicamente "bem concebidos" a objectos de representação do Estado. Assentamentos e arquitectura das Colónias Agrícolas Portuguesas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960", in FERREIRA, Fátima, MENDES, Francisco, PEREIRA, Natália, A Conquista social do território: Arquitectura e corporativismo no Estado Novo português, Edições Tenacitas, Coimbra, 2016, págs. 145-167.

RIBEIRO, Orlando, Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Estudo Geográfico, Coimbra Editora, Coimbra, 1945.

LOPES, A., "Vida Católica, a Igreja de Santo Isidro [será hoje aberta ao culto numa cerimónia a que presidirá o sr. subsecretário da Agricultura]", in O Século 12, 1957.

MESTRE, Víctor, Faias e Pegões, De Terra de Ações de Bandoleiros, Guerrilheiros e Assaltantes à colonização dos anos 40 deste século, [Em linha], Câmara Municipal do Montijo, 1999, págs. 1-9. [Consult. 17 Jan. 2021]. Disponível em WWW:-URL: [http://www.msa-arquitectos.com/Public\\_Faias-pegoes\\_1999.pdf](http://www.msa-arquitectos.com/Public_Faias-pegoes_1999.pdf)

MINISTÉRIO DA ECONOMIA - Junta de Colonização Interna: síntese da sua organização e obra. [S.l.]: Secretaria de Estado da Agricultura, 1973.

NUNES, Daniel, Identidade do Lugar, o caso da Colónia Agrícola de Pegões, Universidade de Évora, Escola de Artes, Évora, 2019, Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

PAGANO, Giuseppe, DANIEL, Guarniero, Architettura Rurale Italiana, Hoepli, Milão, 1936.

PEREIRA, Nuno Teotónio, et. al., Santo Isidro de Pegões, Contrastes de um Património a Preservar, Edições Colibri, Lisboa, 2009.

TÁVORA, Fernando, DANIEL, Guarniero, Architettura Rurale Italiana, Hoepli, Milão, 1936.

PEREIRA, Nuno Teotónio, et. al., Arquitectura Popular em Portugal, Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa, 1961.